

Sobre água e outras correntezas: memórias da seca no Ceará*

*Kênia Sousa Rios***

Resumo

Este artigo tece uma interpretação sobre memórias construídas em face da força do elemento água nas narrativas sobre a seca no Ceará.

Palavras-chave: água, memórias, oralidade, seca, Ceará.

A chuva caía torrencialmente. As telhas mal postas e quebradas criavam imensas goteiras que se espalhavam por todo o quarto. D. Socorro não se aquietava, ajeitava uma telha e já outra biqueira despontava em algum ponto da casa. Outras mais iam surgindo, fugindo ao seu controle. Num momento de trégua, ela suspendeu sua tarefa para olhar a chuva que caía também fora de casa. Apon-tou para um cantinho do terreno, que não era seu, e comentou: “Com essa chuva dá logo vontade de plantá feijão. Se nós tivesse no interior, tava plantando feijão. Mais bem ali naquele cantinho cabia um roçadinho de feijão, com essa água toda ia dá era muito.”

A entrevista estava marcada para mais ou menos cinco da tarde. Fiquei em dúvida se desmarcava ou não, por causa do tempo carregado. O céu anunciava um temporal, mas decidi que iria, assim mesmo, ao encontro de D. Socorro. A casa de dois cômodos ficava nos fundos de uma outra um pouco maior. A dona da casa dianteira cedeu um pedaço do seu quintal para o irmão que chegara do sertão com mulher e filhos e não tinha para onde ir.

D. Socorro tinha chegado a Fortaleza a menos de oito meses. A cunhada autorizara a vinda deles para a capital garantindo-lhes esse cantinho para morarem. Durante nossa conversa, ia contando tudo isso enquanto a chuva começava a dar sinais de cansaço. Aproveitamos a pausa do aguaceiro para dar início à entrevista. Acomodamo-nos na cama, ao centro do primeiro cômodo, e pude então ligar o gravador.

D. Socorro não era muito de conversa, preferia ficar olhando a chuva ou cozinhando o almoço do marido. Naquele fim de tarde, somente consegui falar da saudade que sentia e do desejo de retorno. Olhava para o tempo fechado e lembrava do roçado e de como era o plantio no sertão. Sempre plantavam em terrenos alheios: pés-de-serra, margens de açude, lagoas e outros lugares, onde a água aparecia com mais facilidade. D. Socorro e sua família estavam acostumados a viver de terrenos alheios, para plantar ou morar.

No bairro onde reside D. Socorro, é raro não haver pessoas morando nos quintais de outras. Aquelas que cedem um pedaço do terreno nos fundos são normalmente parentes que migraram

antes, e que já podem acolher seus familiares recém-chegados do interior. Os retirantes mais recentes acomodam-se nos quintais dos veteranos. Constróem um casebre de tijolo de dois ou três cômodos que abriga toda a família. Se todos dormissem em camas, não haveria espaço disponível. A maleabilidade para acomodar as redes de dormir facilita o trabalho na divisão dos lugares. Mas, na casa de D. Socorro, havia também uma cama de casal onde dormiam as duas filhas mais velhas. A ausência de outros móveis nos obrigava a sentar justo nesta cama.

Ela olhava para a chuva e pensava no roçado. Sua narrativa girava em torno da plantação e da fertilidade que a água produzia na terra.

A chuva recomeçou com mais força, obrigando-me a desligar novamente o gravador. Corríamos de um lugar a outro da casa tentando escapar das biqueiras e, apesar de incomodada com a situação em que me via, D. Socorro só pensava em plantar feijão.

Com a escassez de água em alguns pontos do sertão, principalmente pela ameaça constante de seca, existem lugares que são disputados pela possibilidade de garantir a umidade da terra e, portanto, o cultivo de alguns alimentos, sobretudo feijão, jerimum (noutras paragens conhecido por abobrinha) e mandioca. Os proprietários dessas localidades são os poderosos da região. No sertão do Ceará, quem tem o poder não é somente o dono da terra, mas o dono da água. Todo o discurso que gera poder escorrega pelas correntezas nem sempre abundantes do ter a água ou da possibilidade de fornecê-la aos que não têm.

D. Maria Jorge, outra narradora deste texto, praticamente inicia a conversa reforçando o sentido dessas relações de poder entre quem tem e quem não tem o precioso líquido. Quando tentou explicar porquê veio para Fortaleza, começou afirmando que odiava o dono da cacimba.

Eu fiz uma promessa pra ser seca. Fiz uma promessa pra ser seca pelo seguinte: eu tinha um tio, ele tinha um cacimbão. Eu fui buscar a água lá e ele me suvinou a água de mim. Ele chamou eu de um bocado de nome.

Inicia suas memórias da seca pela água, cuja ausência constante desenha o tormento que carregava em todos os dias difíceis no lugar onde morava: um pequeno município no sertão do Ceará chamado Macacos. Lá, como em outros lugares, a água era elemento que concentrava poder na mão de uns poucos. Nesse caso, quem mandava não era somente o dono da terra, mas sobretudo o odiado dono da cacimba. Havia um único poço no lugarejo onde morava e, por esse motivo, todos os habitantes tinham de caminhar léguas até alguma cacimba. O dono da cacimba, privilegiado por ter construído sua casa na parte mais irrigada do terreno, queria “falar mais alto que os outros.”

Não é qualquer tipo de solo que propicia uma cacimba com boa água, por isso mesmo o beneficiado trata de cavar seu poço e, com algumas restrições, ceder o uso aos outros moradores. Dada a dificuldade de se encontrar água em certas regiões, as cacimbas acabam diminuindo os longos trajetos até um rio ou açude.

O dono do açude é também uma figura destacada na cidade. Os reservatórios fornecem água para beber, para cozinhar, para lavar roupa e utensílios domésticos e, ademais, são lugares propícios para determinadas culturas agrícolas. Semelhante ao que ocorre com a terra, também o dono do açude ou da lagoa cede trechos às margens dos seus reservatórios de água e, em troca, o agricultor entrega-lhe uma parte da colheita que chega, às vezes, a 50% do que é colhido. Os “donos da água” permitem o acesso somente para alguns. Com maior frequência, eleitores ou parentes.

Mas D. Maria Jorge, mesmo alegando parentesco com o tal dono da cacimba, demonstrava muita raiva. Xingava não só o proprietário do poço, como também a água. Dizia que era muito ruim, “tinha gosto de xixi de sapo”. Ao mesmo tempo que insinuava o pouco cuidado de seu tio com o tal reservatório, afirmava que aquela água e o dono da água não mereciam confiança.

Quando atiravam o balde no poço, os moradores eram humilhados e não reagem contra os insultos do “todo-poderoso”. Mas com ela foi diferente. No ano de 1958, o Ceará enfrentou uma sequeidão terrível. D. Maria Jorge alcançou sua graça, e a seca, que

ela tanto pediu aos santos, grassara sem piedade. Livrou-se do tal homem e, como tantos sertanejos, foi para a capital, andou de trem e, além disso, o “poço maldito” também secou.

No caso de D. Maria Jorge, a luta pela terra somente se sobre põe à luta pela água quando chega à cidade, onde o principal problema passa a ser a falta de moradia, de um terreno para morar. Mas durante a entrevista seguinte, no ano de 1998, ela continuou frisando que, no sertão, “quem manda é o dono da cacimba”. Por outro lado, o problema da água também não foi resolvido com a sua mudança para a capital. Como no interior, tinha que recorrer ao dono da cacimba, da bomba d’água ou até comprar do aguadeiro que passava todos os dias. A principal diferença, conta D. Maria, era que não precisava andar tanto, pois havia um chafariz próximo da sua casa.

D. Cezita, que passou por humilhações semelhantes às de D. Maria Jorge, e ressalta: “com água não se brinca e água não se nega”. Aquele que nega a água é castigado, mas o indivíduo que dá o precioso líquido não faz mais do que sua obrigação. Apesar de imperiosa inferência, Cezita entende que precisava trocar favores com os “donos da água”. Conta que um dos primeiros moradores com quem fez amizade no bairro foi Seu Chicó, o dono da cacimba.

D. Cezita veio para Fortaleza em 1979, atendendo ao chamado de sua irmã que já estava na capital há alguns anos. Conta que chegava do trabalho à noite e ainda tinha que buscar água no seu Chicó. Quando suas memórias transitam por esforços físicos tortuosos, lembra do fardo de ter que caminhar léguas para conseguir água, sobretudo em Crateús, município onde morava antes de chegar à capital.

Diz que sonhava em ter água encanada na sua residência e depois que conseguiu erguer a casa, há uns oito anos, não tinha dinheiro para fazer a instalação hidráulica. Mesmo com água encanada, quase todos os moradores do bairro onde mora Cezita continuam buscando água no chafariz, que fica no centro da comunidade. Alegam que a “água da torneira” não é boa para beber, nem para a pele, nem para o cabelo. O uso da água encanada se dá

principalmente na lavagem de roupas e utensílios domésticos. Todos concordam que o cabelo fica mais macio com a água das nuvens. Em dias de chuva, as crianças disputam as biqueiras maiores com uma fila de baldes, panelas, bacias e outros pequenos reservatórios da “água preciosa”.

Noto que há uma certa tensão com a água da torneira. Sendo uma graça divina, parece lógico se pensar que é mais saudável a água que cai direto do céu, sem passar pelos canos. É possível sugerir, ainda, que tal resistência tem base no pagamento pelo consumo da água encanada. Embora esta seja uma inferência plausível, a compra da água não é novidade para o sertanejo que, mesmo antes de vir para a capital, já a adquiria do aguadeiro – comumente conhecido como o homem da água. De qualquer modo, o consumo do precioso líquido é bastante controlado, tanto para quem mora no sertão, como para quem mora na periferia de Fortaleza.

Como presente de Deus, a água estaria sob o seu controle. Assim, a água é uma bênção e a seca é um castigo, dizem com frequência os depoentes, apesar da inversão proposta por D. Maria Jorge com a sua promessa. Em entrevista gravada, afirma seu José Valmir:

Eu num acredito que home nenhum possa resolver o problema da seca, o que ele pode é dá trabalho nas frente pra gente num morrer de fome, mas resolver, acho que não. Tem até uns que põe avião pra fazer aquele bombardeio nas nuvens. Aquilo não resolve nada. (José Valmir. Julho de 2000).

Em face da escassez, constrói-se uma ligação sagrada com a água. Nessa medida, é difícil acreditar que a solução para a seca venha dos homens, e em torno desse repertório de interpretações sobre a água e suas conexões com a vida e com a morte, há um reforço da idéia de que o problema da seca nunca será resolvido pelo governo ou pela ciência: “é coisa de Deus”.

Aquilo que passa por laboratórios ou gabinetes científicos levanta desconfiança por parte dos pobres que, em geral, não estabe-

lecem aproximação com o tema, a não ser pelas nubladas informações da TV e do rádio. Algumas vezes, estes veículos de comunicação fazem denúncias graves sobre a Companhia de Água e Esgotos do Ceará (conhecida como Cagece).

Além dos altos preços para o consumo da água da Cagece, o cloro também causa desconfiança e a água que sai dos canos não é recomendada para muitas atividades do dia. O líquido que brota de forma natural parece mais confiável para o banho ou a ingestão.

O chafariz – água que vem do subterrâneo – não é, portanto, um lugar abandonado e empoeirado num canto do bairro Alto da Paz – lugar onde morei e mora D. Cezita. Lá, o chafariz continua sendo local de encontros diários entre os moradores que costumam ir buscar água no final da tarde. Nesta ocasião, o responsável pelo chafariz usa sua chave para fornecer a água de forma cronometrada. O guardião do chafariz também exerce poderes na comunidade: é ele quem determina os horários de funcionamento do equipamento e, além disso, em época de campanha eleitoral, seus familiares costumam apresentar candidatos que fazem seus discursos em frente ao chafariz.

É um local de referência para a comunidade. Os jovens e adolescentes marcam encontros amorosos. Além disso, reuniões comunitárias, festivais de dança, entre outros eventos acontecem defronte do chafariz. Para esses grupos, o poço comunitário transcende o limite da necessidade básica e passa a ser referência para muitas atividades no bairro, disputando audiência com a igreja, recém-construída. No chafariz, ficam reservadas as atividades mais profanas.

Vale destacar que Fortaleza é uma cidade entrecortada por lagoas e, embora o poder público proíba o uso desses espaços para banho ou pescaria, as pessoas continuam realizando tais práticas com certa frequência. Semelhante ao sertão, o banho nas lagoas da capital parece mais lazer e sociabilidade do que um mero exercício de higiene. Na cidade, esse tipo de banho não ocorre todo dia, mas vez por outra são organizadas pescarias ou banhos coletivos. Para os que moram distantes da praia, esses locais funcionam como balneários improvisados.

As narrativas que se forjam a partir dessas ligações com a água dão conta de uma diversidade de valores e conflitos na vida dessas pessoas. Se para D. Maria o autoritarismo do dono da cacimba foi um dos motivos que a trouxe mais urgentemente a Fortaleza, para D. Cezita esse poder é negociável, pois “ai daquele que negar água.”

É necessário manter uma ligação de respeito com a água e com os mistérios que dela derivam. Nesse sentido, as narrativas populares contam histórias de castigos para aqueles que ignoraram a ordem do mundo e o lugar da água nessa ordem. Zombar da água é o mesmo que zombar de Deus, assim conta o cordel de Heleno Francisco Torres, sobre o exemplo do homem que atirou na chuva e por isso foi severamente castigado:

Em nosso tempo chuvoso
de nosso corrente ano
no Estado da Bahia
passou-se um drama tirano
um homem atirou na chuva
zombando do soberano.

Ele era fazendeiro
no sul de Ilhéus habitado
um dia ele agitou-se
disse; ou lameiro danado
eu só me queixo da chuva
deixar o mundo atolado!

(Heleno Francisco Torres, “O Homem que atirou na chuva”).

O autor ressalta que o homem que “zombou do soberano” não era pobre, ele era um fazendeiro. Com isso, destaca a arrogância dos ricos com as coisas de Deus, a qual induz a reclamar até mesmo da chuva. O autor sugere que o pobre, mesmo prejudicado, não profana o que vem do céu, sobretudo se for água. Diante de tal heresia, o fazendeiro teve o castigo imediato:

Nessa hora o fazendeiro
da mulher se agitou
e disse: agora danou-se
o mundo agora virou.
Aí pegou no revólver
e na chuva atirou

Repetindo outro tiro
ouviu uma voz divina
dizendo: Almino, Almino
suspende a arma ferina
jogue fora senão ela
teu próprio corpo fulmina.

Ouvindo aquela voz branda
o revólver suspendeu
quando arriou o braço
sangue do cano correu
quando avistou o sangue
nessa hora esmoreceu.

Eis aí caros ouvintes
um exemplo pavoroso
um homem atirar na chuva
que quadro horroroso
chatiar com os segredos
do grande Deus poderoso!

(Helena Francisco Torres, "O homem que atirou na chuva").

A escassez ou a abundância de água fazem parte do repertório de mistérios divinos e, desse modo, são inquestionáveis. A estrutura narrativa deste cordel participa de um volumoso elenco de histórias nas quais o castigo imediato se abate sobre aqueles que zombam da água em terras secas. Em geral, esses cordéis partem de um imaginário que se baseia no exemplo para alimentar a compreensão e, em certa medida, a aceitação dos desígnios de Deus.

História semelhante é contada por João de Cristo Rei, no cordel "Os milagres de Padrinho Cícero". Nele, a soberba do "endinheirado" é severamente castigada, pois insinua comprar um dos elementos mais sagrados no sertão: a água.

Zangado porque perdeu
Parte dos seus animais
Contra o meu padrinho
Irou-se cada vez mais,
E mandou-lhe um portador
Com esta frase incapaz:

Padre Cícero em minha terra
A lavoura está perdida
E antes que eu perca tudo
Com esta seca cumprida
Me mande um tostão de chuva
Para salvar minha vida

Então meu Padrinho disse
Ao portador presente:
Um tostão de chuva é muito
Ninguém suporta a enchente
Para ele se arranjar
Basta três vinténs somente

Nesse mesmo dia a tarde
Baixou em sua morada
Uma nuvem muito grande
Com relâmpago e trovoada,
Soltando raio e curisco
Despejando uma chuvada

Então começou do céu
O nevoeiro baixando
A chuva grossa caindo
As águas no chão rolando
A cheia cobrindo tudo
Os animais se acabando

Ele vendo o tempo ruim
Conhecendo que morria
Gritou pedindo socorro
Os vizinhos que havia
E eles vieram todos
Lhe tirar desta agonia

Tiraram a família dele
Para fora do destroço
Ele gritando aflito

E nesse triste alvoroço
Quando saiu já estava
Com água pelo pescoço

Salvou-se com a família
Mas o que tinha perdeu
Planta de cana e mandioca
Tudo desapareceu
O engenho caiu também
A bicharada morreu

(João de Cristo Rei).

Através de seus versos rimados, João de Cristo Rei apresenta uma história que tem grande circulação em todo o interior do Ceará. Muitos depoentes recorreram a essa história quando pedi para que me falassem da atitude dos patrões em períodos de seca. Nesse caso, o rico junta pelo menos duas heresias numa só atitude: usar dinheiro para zombar da água e duvidar dos milagres de Padre Cícero.

Assim, o castigo é revelado numa história singular em que também se expressam outros valores salientados em momentos difíceis como a seca. Entre eles, a relação com o sagrado, o castigo pela desobediência, a falta de fé, a punição e a solidariedade dos vizinhos, que acabaram salvando toda a família. Mas a riqueza, motivo da ganância e heresia, foi toda por água abaixo.

Além das mais variadas histórias exemplares, a água carrega os enredos em torno dos mitos da fundação e do fim do mundo. A imagem do dilúvio aponta para as mais diferentes interpretações sobre a vida na terra. D. Cezita repetidamente falava que o lugar onde nasceu, município de Ipu, já tinha sido “a cama de uma baleia”. Por vezes eu perguntei o que isso significava. Em outra conversa, ela voltou ao tema na tentativa de melhorar sua interpretação sobre a “cama da baleia”:

No final das eras, no final dos tempos aquilo ia virar a cama de uma Baleia. Bem ali, no altar do Santo São Sebastião vai ser a cama duma Baleia, porque já veio água

até aqui e depois voltou pro mar. Aí foi que surgiu a cidade, porque os home que descobriram o Brasil, vieram até aqui e os índios gritavam que aqui ia ser a cama de uma Baleia no fim dos tempos. Porque quando o mundo se acabou com água, ficou tudo cheio e depois a água voltou pros açudes, pro mar e, quando descobriram o Brasil, de certo acharam os ossinhos dela ali. (Dona Cezita).

Sua explicação busca sentido em parcos conhecimentos que tem da história e mistura com informações que captura da TV e do rádio. Junta infinitas variáveis e com elas monta sua explicação sobre o mito de fundação e final dos tempos. A ciência tem importância considerável para D. Cezita, mas esse tipo de conhecimento chega-lhe, sobretudo, pelas ondas do rádio. Seus comentários sobre “o mito da inundação” buscam sentido nas informações que assimila por esses canais, mas também se mistura às lendas e contos que circundam sua memória.

Depois dos pronunciamentos de D. Cezita, tentei me informar sobre a “cama da baleia” e descobri que a expressão faz parte do repertório de histórias e contos do Vale do Cariri, região sul do Ceará. Trata-se de uma lenda originária dos índios Cariris e guarda muitas semelhanças com o texto produzido por D. Cezita. Conta-se que o vale desfrutava de um tempo edênico, maculado pela chegada do branco colonizador, que expulsou, massacrou e escravizou os nativos. Os índios acabaram abandonando o “paraíso”, mas, antes de partirem, taparam, com cera de abelha e troncos de angicos, as principais nascentes de água. No momento certo, os Cariris retornarão para tomar de volta suas terras. Destamparão as nascentes provocando uma desastrosa inundação sobre os brancos gananciosos. Nesse dia, a imagem de Nossa Senhora do Belo Amor boiará sobre as águas, na cama de uma baleia, que dizem existir debaixo do altar da Virgem na antiga matriz de Juazeiro do Norte. Quando as águas baixarem, por milagre da Santa, os índios tomarão conta da terra e nunca mais permitirão a chegada dos conquistadores (LOPES, 1994).

Com base nessa urdidura de saberes, D. Cezita constrói sua interpretação sobre a idéia de que o “Sertão vai virar Mar e o Mar

vai virar Sertão”. A profecia, já muito conhecida, apresenta-se num formato cíclico, pois como disse D. Cezita, no começo e no final dos tempos, o sertão foi e será a “cama de uma baleia”. Ou, por outra, a profecia sobre o dilúvio no sertão já foi realizada em Canudos e noutras cidades invadidas pelas barragens do governo. Alguns cordéis foram produzidos a partir dessa idéia. Selecionei trechos do folheto de Franklin Machado, com o título: “O Sertão já virou mar”. O autor sugere a realização da profecia, com doses de elogio exagerado às barragens do governo:

Falou Antonio Conselheiro
Que o mar virava sertão
E o sertão virava mar
Vindo Dom Sebastião
Já tem mui realidade
Pra quem lê com atenção

O rio São Francisco já
Tem lago artificial
Que é o maior do mundo
Inundou o carnaubal
Tem-se trezentos quilômetros
D’água pelo carrascal

Submergiram aí quatro
Cidades, fora povoados
Santa Sé, Casa Nova
Remanso e Pilão Arcado
A CHESF executou
O aviso profetizado

Mas vamos falar agora
Da região do Beato
Do rio Vaza-Barris
Caatinga de pau-de-rato
Onde o povo jagunço
Sofreu muito desacato

Seu império ‘Belos Montes’
Conhecido por Canudos
Também jaz em baixo d’água
Coberto por mar-açude
Suas águas são salobas
Mas o rio é doce em tudo

A lagoa imita o mar
Tem ondas de metro até
Em 69, encheu
Com os trovões de São José
Já sangrou pelas trincheiras
Não deixando tomar pé.

O Santo prometeu dar
Um rio de leite e mel
Com barrancas de cuscuz
Para quem amarga o fel
Hoje com terra irrigada
O inferno virou céu

Ali só faltava água
Pra dar milho pro cuscuz
Pão de todo sertanejo
Que carrega sua cruz
Padecendo sob o sol
Como o nosso Deus Jesus

Com água e irrigação
Dá tudo naquela rocha
Aprende o homem a lavar
O progresso desabrocha
Tragam mais educação
Que nela ele se atocha

Só lamentamos que a vila
Ficasse ali sepultada
Mesmo isso foi previsto
Pelo chefe da jagunçada
Não ter pedra sobre pedra
É a lição consumada

Só falta chegar o tempo
De vir rei Sebastião
Ressurgir naquelas águas
99 no sertão
para salvar o seu povo
de toda destruição.

(Franklin Machado).

Neste cordel, a mensagem profética do dilúvio se cumpre, sobretudo, pelos projetos de inundação das cidades por parte da Companhia Hidrelétrica do São Francisco. Segundo o poeta, a vida do sertanejo melhorou com as barragens, mas o cumprimento total da profecia só se dará com a vinda do Rei Sebastião, aquele que, segundo conta a história, se tiver morrido, terá sido de afogamento.

Histórias, contos e cordéis criam de forma variada a idéia de que “o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão”. São mensagens que, em geral, sugerem uma inversão de valores. Assim como o sertão inunda e o mar seca, Padre Cícero também teria anunciado o final dos tempos com base na imagem de um mundo (re)virado. Tal profecia ficou famosa em Juazeiro do Norte e muitos cordelistas reinventaram, em versos, as palavras do “Padrim”:

Agora caros ouvintes
Venham ouvir um romeiro
Descrevendo a profecia
Na bola do mundo inteiro
Contando o santo sermão
Do padre Cícero Romão
Na matriz do Juazeiro [...]

No ano 91
Fica tudo diferente
As águas correm pra cima
A chuva que cai é quente
Resplandecerá a luz
É vinda de Jesus
Pra salvar os inocentes [...]

No ano 92
A crise sera peor
Sofrerão fracos e fortes
Pequeno, médio e maior
Tudo sofre e não expande
É quando a roda grande
Passa dentro da menor

No ano 93
Haverar mais agonia
As árvores não dão mais frutos

Animais não darão cria
O vento que sopra é quente
Se acaba todo vivente
Como diz a profecia.

(Enoque José de Maria, “As profecias de Padre Cícero”).

Em Juazeiro do Norte todos conhecem a mensagem do Pe. Cícero que dizia: “Juazeiro ainda será inundado pelas águas do São Francisco”. E, muito embora as ruas da cidade não tenham sido alagadas pelo Velho Chico, os devotos constroem uma interpretação própria que confirma a realização da profecia. No depoimento de Seu Jaime, um dos antigos moradores de Juazeiro, o rio São Francisco já teria inundado as ruas da cidade pelos fios da eletricidade, pois a energia elétrica que abastece Juazeiro vem da hidrelétrica de Paulo Afonso – rio São Francisco.

Se por um lado a água significa salvação dos problemas advindos da seca, por outro pode ser o maior castigo da humanidade. Punição tão grande que seria capaz de destruir o mundo, lavar a alma dos homens, inundar todos os seus pecados e anunciar o juízo final. Entretanto, é comum se ouvir que o mundo não se acabará mais com água. Isso já teria ocorrido no dilúvio bíblico que fez Noé construir sua Arca. Da próxima vez, o mundo se acabará em fogo. Quando pedi para D. Cezita explicar melhor a história do fim do mundo, deu-me a seguinte explicação:

Como é que o mundo todo vai pegar fogo de uma vez só?
(Entrevistadora).¹

Ora, minha filha, pelos fio. A eletricidade num chega agora em todo canto, né? Até nos cantim mais escondidos, pois é. Vai dá um curto circuche e o fogo vai se espalhar rapidinho pelos fio e tudo vai pegar fogo. (Dona Cezita).

Fazendo-se uma possível articulação entre a explicação do Seu Jaime e a de D. Cezita, o mundo mais uma vez será inundado pelas águas, no entanto virá na forma de fogo – o fogo da eletricidade que, por sua vez, é produzido pelas quedas d’água. Constrói-se,

desse modo, uma atualização interpretativa em torno da imagem do dilúvio como finalizador da vida na terra. Nesta nova versão, a eletricidade será a grande culpada pelo incêndio final, mas a água continua sendo o elemento central.

Noutra profecia, Pe. Cícero anuncia que o fim do mundo chegaria quando “no ano 94 / a 26 de São João / Surgirão uns gafanhotos / vindos do centro do chão / roendo os assinalados / que já estão desprezados / nos laços da maldição”. No cordel de Enoque José de Maria, a profecia dos gafanhotos aparece em versos rimados, mas nas memórias do Seu José Valmir, numa história contada por seu avô, a mensagem profética do padrinho mais uma vez se atrela às invenções escabrosas do homem:

Nunca tinha ouvido falar em avião, nesse tempo não existia o avião. Aí meu avô andava campeando, toda vida foi um velho sábio com muito estudo e nuca teve medo de nada. Quando ele viu foi aquela zoada e o bicho voando no ar. O amigo dele correu se abraçou-se com o vovô. ‘Manel, pelo amor de Deus, o mundo vai se acabar, o mundo vai se acabar. Me socorre, Manel, pelo amor de Deus. O mundo vai se acabar, isto é o gafanhoto que o Padre Cícero dizia que ia acabar com tudo no mundo. Pode esperar que o mundo vai se acabar. Ai, meu Deus, não vejo mais Mariana.’ Aí foi meu vô disse: ‘Calma, que isso é alguma invenção, algum aparelho. Num sei o que é, mas num tô com medo, não.’ Aí o bicho foi embora. Depois pegaram a saber que era o avião. (José Valmir).

Muitas invenções tecnológicas serviram de mote confirmatório para as profecias que circulavam no sertão do Ceará. O assombro diante de algumas criações modernas apontava para um sentimento apocalíptico. Não por acaso, algumas invenções levantam sérias desconfianças entre os indivíduos que moram no sertão do Ceará. Alberto Galeno, folclorista cearense, destaca que um dos profetas de chuva, chamado Assis Salgado, afirmava que

[...] os aviões afastavam as nuvens provocando as secas. E mais: que a fumaça dos aviões era como se fosse veneno para o gado, causando morrinha nos bois, que ficavam

tristes e arrepiados, terminando por se findar. (GALENO, 1998).

Os profetas da chuva são homens que, em geral, moram no sertão e conhecem as astúcias da natureza semi-árida. Através dos movimentos que se manifestam no corpo dos bichos e das plantas, fazem previsões que desafiam os cientistas. Nesta leitura do mundo, a água que cai do céu pode ser anunciada em formas encontradas por homens que olham, antes de tudo, para a terra. Como ressalta Galeno:

É, pois, da maior importância, saber interpretar o comportamento dos referidos espécimes, durante os meses de verão, base da maior parte das experiências de inverno. Isso dito, vejamos o significado de alguns destes sinais tomados nas experiências de secas e de invernos: a canafístula gotejando água pelas folhas durante os meses de outubro e novembro, ótimo sinal de inverno para o ano seguinte; o pau-de-mocó com boa floração nos últimos meses do ano, também sinal de inverno. A jitirana florando fora de tempo, sinal de seca; o mata-pasto florando em meio ao inverno, sinal de suspensão das chuvas (mata-pasto florou, inverno acabou, dizem os matutos). Existe a crença, segundo a qual no ano em que o angico deita muita resina, no ano seguinte haverá bom inverno. Se o pau d'arco roxo flora, entre os meses de junho e julho e segura a carga, bom sinal de inverno para o ano seguinte. Por sua vez, o cajueiro se flora no começo do verão, sinal de inverno cedo. Mau agouro se descobre na umarizeira, no ano em que esta árvore deixa de frutificar, ou se apresenta com um reduzido carregamento de frutos. Isso significará seca para dentro em breve. Já o contrário, dá-se com o cumaru, árvore de grande emprego industrial. Segundo a crença, quando o vegetal flora em fins de inverno e segura a carga, o ano seguinte será de seca ou de inverno escasso. Bom sinal de inverno para o ano seguinte, vamos encontrar nos juazeiros, quando estes apresentam as copas refrigeradas durante as ardentes tardes do verão sertanejo. A mesma experiência é válida também para as catingueiras, árvores que, a exemplo dos juazeiros, são dotadas de densa folhagem. Bom augúrio sempre que as copas se

apresentarem úmidas e refrigeradas nos meses de canícula. Outras experiências muito acreditadas dos sertanejos dizem respeito à floração e frutificação das carnaubeiras, aroeiras, juazeiros e umarizeiras. Sempre que as referidas árvores florescem e frutificam com abundância, sinal de excelente inverno para o ano seguinte. No tocante a especulações com os animais, o critério não varia: o da proliferação. Este ou aquele bicho aparecendo acompanhado de muitas crias em determinada estação do ano, sinal de bom inverno para o ano seguinte. Roque de Macedo, grande divulgador das experiências de inverno de seus conterrâneos, ia mais longe. Ele dava especial importância ao comportamento dos pebas em fins de ano. Sentenciava o velho sertanejo: 'quando o carrapato subir da barriga para o sovaco dos pebas, a chuva cairá'. (GALENO, 1998).

Segundo Seu Raimundo, "a Asa Branca é a primeira que sabe da chuva, quando ela vem voltando é porque tá garantido o inverno" (Raimundo, dezembro de 1999). Luiz Gonzaga compõe, com base nessa leitura do tempo, sua música de maior sucesso. Em "Asa Branca", o autor consegue desenhar uma paisagem na qual o movimento do homem, das plantas, dos bichos, da água e das nuvens conformam um território enunciativo. Nesse caso, o anúncio da seca vem por meio da partida do pássaro "Asa Branca" e, do mesmo modo, seu retorno garante o bom inverno. Por isso mesmo foi necessário uma segunda música, que Luiz Gonzaga chamou "A volta da Asa Branca". A ave, por motivos óbvios, é bastante querida no Ceará.

[...] Por falta d' água
Perdi meu gado
Morreu de sede
Meu alazão
Inté mesmo a Asa Branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse
Adeus Rosinha
Guarda contigo
Meu coração[...]

(Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira, "Asa Branca").

Já faz três noite que pro Norte relampeia
A Asa Branca ouvindo o ronco do trovão
Já bateu asas e vortou pro meu sertão
Ai, ai eu vou m'embora
Vou cuidar da prantação [...]

(Luiz Gonzaga/Zé Dantas, "A volta da Asa Branca").

Aqui, a ordem do tempo é apresentada pelo desenrolar da fauna e da flora. É um saber que vem do enganchamento entre natureza e cultura. Não se trata de uma ligação sobrenatural; ao contrário, tais enunciados codificam-se na natureza que compõe homens, bichos, árvores, frutas, aviões etc. Tudo se realiza numa natureza/cultura que gesta a legitimidade de fenômenos, como os "profetas de chuva" ou mesmo livros que ensinam e endossam este tipo de saber/ser.

As previsões dos profetas vêm da intimidade com uma natureza da qual retiram orientações sobre a chuva e a seca. Mas não se trata de uma convivência apenas espacial, afinal nem todos os que vivem no sertão são profetas. Mesmo considerando que tal saber tem significativa circulação entre os que moram ou moraram no interior do Ceará, a previsão creditada vem mesmo dos chamados profetas da chuva. Ainda que a maioria dos sertanejos participe dessas leituras do mundo, somente alguns são reconhecidos como legítimos adivinhadores do tempo.

A potência desses indivíduos se conecta com o poder da leitura e interpretação não só da natureza, como também das escrituras. A linguagem e o formato dessas previsões são encontrados em um livro que teve grande circulação entre os moradores do sertão: o "Lunário Perpétuo".

O tempo tem sua ordem e ela se apresenta na natureza, basta estar atento. O Lunário indica uma dimensão de organização e controle do tempo, entretanto, não impede os acontecimentos. A potência de suas orientações, se realiza, entre outras coisas, na proposta de dar ao homem a possibilidade de conversar com o tempo. Ou melhor, de ter essa conversa registrada através da escritura. O controle do tempo é proposto não apenas pelas "sábias" sugestões

do livro, mas também pela possibilidade de prendê-lo na escrita (BOLLEME, 1969).

As memórias da seca são inundadas pela água e suas múltiplas faces. A lembrança das estiagens pode significar inumeráveis acontecimentos além da falta de chuva pois a construção da memória transita por caminhos diversos. Quando contavam-me suas histórias pelo mote da seca, falavam da vida nas suas mais entrelaçadas conexões temporais. Há um diálogo que se movimenta pelas percepções que o depoente cria a partir da sua experiência social e histórica. As narrativas apresentam marcas que depõem a favor da diversidade.

Enquanto isso, num canto da casa de D. Cezita um filtro transforma-se em jarro para uma frondosa samambaia e a água de beber continua no pote pois onde tem água é bom para plantar, sejam as samambaias da D.Cezita ou o feijão da D. Socorro.

Notas

* Este texto é parte da tese de doutorado em História Social com o título: "Engenhos da memória: narrativas da seca no Ceará", defendida no departamento de Estudos pós-graduados em História Social da Pontifícia Universidade de São Paulo em maio de 2003.

** Mestre e doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)/Paris.

¹. Kênia Sousa Rios.

Referências

BOLLEME, Geneviève. **Les almanachs populaires au XVII et XVIII siècles**. Paris: Ecole Pratique des Hautes Études – Sorbonne, 1969.

GALENO, Alberto. **Seca e inverno nas "experiências" dos matutos cearenses**. Fortaleza: 1998. p. 39.

LOPES, Régis. **João de Cristo Rei: o profeta de Juazeiro**. Fortaleza: Secult-CE, 1994. p. 57.

Abstract

This articule makes an interpretation about memories built through of the element water's power in the narratives on drught in Ceará.

Keywords: memories, orality, drught, Ceará.